



CRÓNICA
Masculina

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA Masculina

N.º 11 — 16-II-1957

Director e Editor: RUI COSTA

Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA. — Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

Todos os sábados

DA ALMA AOS LÁBIOS

MAJESTADE SEDE BENVINDA!

A vida entre os povos não é mais do que uma ampliação forte do convívio entre famílias ou mesmo de indivíduos isoladamente considerados. Quando a amizade os vincula, quando existem laços íntimos, interesses ou designios comuns a ligá-los, quando se tributam verdadeira estima, gostam de ver-se, de fraternizar, de dizer ao mundo que se consideram e se dão as mãos, e para isso se visitam.

As trocas de impressões encontram sempre um pretexto justo, uma causa nobre que os governantes desses povos promovem, estimulam, acarinham seja no intercâmbio permanente de ideias e de manifestações, seja nos congressos periódicos em que se equacionam para se resolver os grandes problemas da Humanidade.

A representação protocolar destinada a estabelecer o contacto vivo e constante entre duas nações bem relacionadas, conquanto seja um padrão de sentimentos fraternos que as congreiam e o símbolo da confiança e dos seus governantes que são já o símbolo do querer e da vontade dos seus súbditos, não podem senão transmitir por via oficial aos seus concidadãos as expressões gratas do outro povo junto do qual os representam.

Por isso, muito sentir cotidiano, muito do sentir perene fica nos corações a recalcar-se para os momentos solenes das grandes visitas. É o sentir, é o fervor enorme de uma amizade secular que se transmite de geração a geração para que a História se renove sem se modificar.

Quando chega esse instante é então que a alma sobe aos lábios das gentes sensíveis para dizer tudo que traz lá dentro e se lhe fora permitido professar ainda moior crer.

Só por isso, as visitas dos chefes de Estado (por ser neles que vive a alma e se condensa a carne de cada povo, à terra do outro povo), para além do significado político que projectam no mundo, assumem um carácter íntimo que penetra e sensibiliza ainda mais a alma do povo que os hospeda.

Há cerca de um ano, Sua Excelência, o Sr. General Craveiro Lopes levou à Velha Albion a mensagem das gentes lusitadas. Agora, Sua Majestade, a Rainha Isabel II vem revalidar a amizade que ela e os súbditos dedicam aos portugueses.

Majestade, sede benvinda!

BANHOS ROMANOS

no Lido de Paris

PARIS é um caledoscópio que todos os dias nos mostra imagens novas, diferentes. Essas surpreendentes maravilhas são os tentáculos e o encanto e a sedução do turista acidental ou do próprio íncola da cidade-luz.

Agora a novidade está no Lido, saída do cérebro prodigioso de um homem que nasceu para conceber e realizar espectáculos: Louis Guérin. E o espectáculo que todas as noites se exhibe no famoso cabarete-concerto de Paris não é, desta feita uma revista-feérie como tantas que têm conferido insuperável prestígio aquela casa. Trata-se de uma evocação (ou de uma reconstituição) dos banhos romanos com todo o aparato e característico dessas antigas manifestações da cidade dos Césares.

Durante cinco longos meses Guérin pensou como havia de conseguir que os frequentadores do Lido vissem de qualquer ponto do recinto a piscina.

Súbitamente acudiu-lhe uma ideia maravilhosa: colocar um espelho inclinado sobre a superfície da água. O efeito sortiu completo e o êxito foi avassalador.

Paris de hoje e todo o mundo de amanhã (quando a fantasia se multiplicar por outras terras) há-de pronunciar-se sobre a fascinação que os olhos humanos sentem ao ver, através de um espelho, beldades «romanas» a tomar banho.



15 MIL FIOS

numa lâmpada-miniatura!

Há alguns anos, as máquinas de calcular eram ainda do tamanho de um armário; há alguns meses, não era preciso mais do que uma lâmpada de rádio.

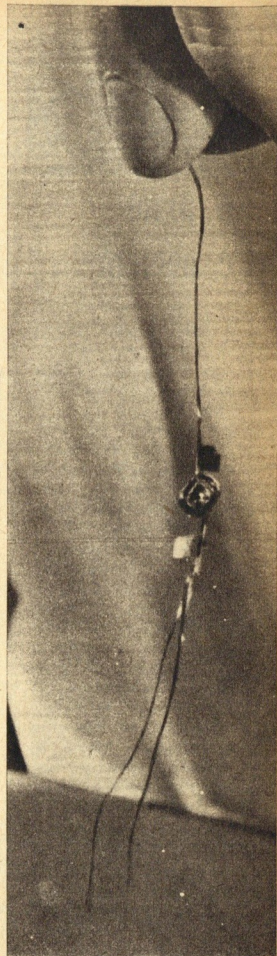
Os engenheiros americanos acabam de lançar esta nova máquina de calcular electrónica, que pode ler, escrever com uma velocidade prodigiosa, fazer simultaneamente 1.000 multiplicações, 4.000 multiplicações e 5.000 comparações!



A NOSSA C A P A

Singeleza e majestade são fórmulas que se associam para se completar, neste instantâneo inédito da soberana inglesa. Depostos os régios paramentos, Isabel II permanece no círculo levantado da sua estirpe real, e, no entanto, figura-se-nos aqui como se não fora o vulto mais representativa, o vulto em que se condensa o maior Império do Mundo.

Na sua simplicidade parece-nos dizer que é apenas mulher, mas essa lhança, essa ausência total de protocolo, só fazem sublimar o seu espírito que adquire a verdadeira estatura concernente às suas excelsas virtudes e à sua alta dignidade. Foi assim que a Rainha conquistou a fidelidade e o amor do seu povo e polarizou as simpatias e as admirações do mundo inteiro.





O amor é paciente...

Ele, Jaime Asensio, tem noventa e três anos; ela, Ana Martinez, oitenta e dois.

Casaram recentemente, depois de esperarem pelo «auspicioso momento» nada menos do que sessenta anos.

São espanhóis, e as suas fotografias têm vindo publicadas em revistas de todo o mundo, interessadas pelo romance que se esconde por detrás das rugas e dos cabelos brancos.

Mais forte do que os muitos anos, o amor resistiu às guerras, ao egoísmo, às dificuldades.

E a própria Natureza se mostra complacente: a Jaime Asensio despontaram dois dentes, cuja utilidade não é de mais enaltecer.

As emoções fazem cair o cabelo

PARIS — Não se sabe porquê, uns são calvos, outros não. Mas sabe o que temos a fazer para evitar a calvície: isto escreve a revista «France Dimanche», que publicou, há duas semanas, largo estudo sobre «os mistérios da queda do cabelo».

Eis algumas curiosas revelações publicadas pelo grande hebdomadário, depois de um inquérito junto dos melhores especialistas franceses.

«Um cabelo vive entre cinco e seis anos, se nasce na ponta superior da cabeça; e dois a quatro anos se surge nas fontes ou no alto da testa. Os primeiros crescem mais depressa porque a circulação sanguínea é mais abundante naquele ponto.

A calvície das raças mediterrâneas, começa, em geral, pela tonsura; a das raças nórdicas, pelas fontes e região frontal.

A calvície vitima mais depressa, os homens dos países quentes, maxime se eles não observarem a rigora a higiene do couro cabeludo. As glândulas sudoríferas eliminam os resíduos dos ácidos gordos. Se estes detritos permanecerem no couro cabeludo, sob a acção do sol, acabam por penetrar nos folículos pilosos. O suor pode também dar lugar a fermentações amoniacais que destroem os cabelos.

O uso do chapéu não provoca a queda do cabelo, a menos que seja muito apertado e impeça a circulação sanguínea.

Pelo contrário, as enxaquecas crónicas podem apressar a calvície. O espasmo dos vasos sanguíneos intensifica perigosamente o funcionamento das glândulas sebáceas, ameaçando provocar a seborreia, muito perigosa para a vida dos cabelos.

A calvície não é hereditária. No entanto é exacto que se verifica mais frequentemente nos indivíduos reumáticos, artríticos e neuroartríticos.

Sendo estas enfermidades hereditárias, há, pois nas pessoas que sofrem delas acentuada predisposição para a perda do cabelo, mas o caso não oferece uma regra absoluta nem geral.

Por último, os desequilíbrios nervosos têm repercussão directa sobre o cabelo. Está demonstrado que a fadiga, uma noite de boémia ou uma noite passada num comboio, ou um susto, ou qualquer choque emocional prejudicam grandemente o nosso ornamento capilar. Como consequência, dessas circunstâncias podem perder-se entre 100 a 120 cabelos, por dia (em vez de 10 a 30 que é o nosso débito cotidiano normal).

Ao ver cair em profusão os seus cabelos, o doente preocupa-se mais, acentuando dessa forma o desequilíbrio orgânico que é a origem dos seus males e a do agravamento da sua careca.

Portanto, nada de emoções fortes. Paz de espirito, sorriso nos lábios e cabelos na cabeça.



lugar a fermentações amoniacais que destroem os cabelos.

O sorriso, quando não é um tregeito vaidoso, é o reflexo de alegrias, inferiores ou a dissimulação de penas profundas que alcançam forma e cor nas pupilas, nos lábios e nas faces de quem as sente. Sorrisos há que constituem verdadeiros ex-libris das pessoas.

Mas os sorrisos podem assumir as mais diversas formas expressivas: comiseração, ironia, escárnio e aleluia — uma aleluia de sol que dá conforto e calor às almas que vivem na sua órbita.

Exemplos curiosos de sorrisos são os que se publicam nesta página, na verdade bem expressivos, luminosos, acariciadores e benéficos.

★

1 — A rainha Isabel II de Inglaterra é madrinha, pela décima-sétima vez. Ela sorri, na altura da apresentação do seu afilhado, filho de lord e de lady Dorchester... Mas é um sorriso de circunstância, que deixa adivinhar as preocupações, as pesadas responsabilidades que o seu reino lhe infunde actualmente.

★

2 — No Teatro de Paris, Ingrid Bergman alcançou verdadeiro triunfo na peça de Robert Anderson, adaptada por Roger Ferdinand: «Chá e simpatia». Sorri ao êxito, mas o seu sorriso trai o esforço feito para vencer a fadiga, consequência da recente operação que sofreu, e o receio, por ser esta a vez primeira que representa em francês.

★

3 — Sophie Desmarests conhece o êxito, no Teatro Eduardo VII, em «Uma mulher demasiado honesta», de Armand Salacrou...

O seu sorriso é um sorriso sem sombra, sem restrição. É o sorriso, quase o riso, da felicidade!

O SORRISO DA FELICIDADE ... não engana!



Golpe de estado em Bizâncio

Hoje, o Império Bizantino não será mais do que legendaria, histórica reminiscência do que fora na época em que desfrutava a hegemonia do mundo oriental. E a própria cidade de Zizâncio se transformou na secularizada Istambul, capital da democrática e moderna Turquia. Mas nem pelo facto de esse vasto império, graças à evolução de natureza histórica, se haver fundido na própria História e quiçá no esquecimento, deixou de provocar lutas de sucessão, pleitos sem armas que se travam nos gabinetes de juriconsultos.

É o caso há pouco relatado nos jornais de que oferecemos testemunhos fotográficos.

O DESTRONADO DA PALMADAS NA TESTA — Mal Ludovico Marziano foi coroado, Tótó, cómico n.º 1 do cinema italiano protestou enérgicamente. Não foi em



vão que dispendeu milhões, para assegurar os seus direitos ao trono. Ele, Príncipe António de Curtis, descendente do imperador Constantino XI, que morreu apenas 400 anos mais tarde que o antepassado de Marziano. Ludovico perdeu nessa ocasião o processo contra Tótó. Agora o pretendente legítimo à coroa do Estado que já não existe, apenas poderá afastar os seus concorrentes à custa de muito dinheiro.

BIZÂNCIO TREME

— Aqui está o teu novo imperador, sua majestade Marziano II de Bizâncio. Ludovico Marziano, cujo nome se tornou conhecido por figurar repetidas vezes nas crónicas da sociedade da imprensa de Roma, descobriu de qualquer maneira que era descendente directo do imperador Mizantino Niceforus III. Que mais seria necessário para se fazer coroa? A foto reproduz o momento em que foi sagrado pelo patriarca do antigo rito bizantino.

TÉCNICAS EM EVOLUÇÃO

O SÉCULO DA COLA

Ainda não há muitos anos, para unir sólidamente duas peças metálicas era necessário soldá-las. Esse processo caiu em desuso, graças aos progressos prodigiosos da química: hoje é preferível colá-las. O avião «Comet» serviu de «cobaia» a inúmeras experiências que provaram que as pinturas coladas resistiam mais que as próprias chapas. Toda a estrutura do bombardeiro francês supersónico, **Vautour**, foi unida por cola-gem.

Muita gente ignora que estas novas colas nada têm de segredo; são resinas fabricadas à base da glicerna natural ou sintética e servem para todos os fins: unem metais entre si, metal com o vidro, peças de louça, etc. Aplica-se a frio e sem pressão. Resistem a fortes amplitudes térmicas, à água salgada e à humidade.

Uma firma inglesa lançou, há pouco, no mercado uma cola à base de matérias plásticas e metal, que após o endurecimento, se torna tão sólida como o próprio metal e resistindo a numerosos produtos químicos, designadamente ao ácido sulfúrico.

CORDAS SINTÉTICAS

Há milhares de anos, o homem sabe entrançar cordas e em estado de tal perfeição que pouco ou nada tem beneficiado do progresso.

As cordas mais sólidas até agora conhecidas eram feitas de sisal. A química abriu novos horizontes e, à base de substâncias sintéticas, aparecem agora novas cordas que não apodrecem e apresentam a mesma flexibilidade quando molhadas.

Quanto à sua resistência, foram feitas diversas experiências no reboque de barcos, chegando-se à seguinte conclusão: enquanto uma corda de sisal resistiu a determinada prova durante 6 dias, uma outra sintética, como o mesmo diâmetro suportou aquele trabalho durante 137 dias!



A irmã e a mãe

de Sofia Loren

A irmã e a mãe de Sofia Loren, também merecem a atenção dos fotógrafos, por serem... «a irmã e a mãe de Sofia Loren».

Por outro lado, mais de uma vez se tem escrito que Sofia não quer deixar que a irmã mais nova siga a carreira cinematográfica, e aventam-se duas hipóteses: o facto de Sofia considerar **perigosa** essa mesma carreira, ou então o receio de se ver suplantada pela própria irmã, que, tendo somente 17 anos, parece capaz de lhe fazer sombra...

A irmã, à esquerda, dança com um jovem não identificado; a mãe dança com o maestro Lelio Luttazzi.



ACONTECIMENTOS [MAIS OU MENOS] ESTRANHOS!



UM PAPEL... ENVERGONHADO!

Acaba de ser posto à venda, nos mercados britânicos, um papel de embrulho que tem a curiosa propriedade de «côrar» ao contacto de um peixe de frescura duvidosa.

Impressionado pelas secreções ácidas, mais ou menos abundantes conforme o estado do «morto», este papel de tornesol revelador fica colorido em alguns segundos, desde que haja um certo grau de acidez.

É isto favorece as donas de casa e faz «côrar» (de vergonha) os peixeiros faltosos.



É DE LAMBER OS DEDOS!

A ideia e a realização são americanas... como, não podia deixar de ser!

Alguns dos envelopes têm a parte gomada perfumada com menta.

Partindo desta ideia, uma grande marca de soda propôs aos Correios dos E. U. perfumar a cola dos selos com o gosto do seu produto.

A administração reservou a resposta, mas ficou interessada no assunto.

MODERNA ARCA DE NOÉ

Doravante, os nossos irmãos inferiores podem gozar, num hotel de New York, de todo o conforto que possam desejar. Banhos, alimentação escolhida, tranquilidade assegurada.

Trata-se de um hotel reservado só para animais; um veterinário faz parte do pessoal, composto de especialistas, dos quais os domadores formam a maior parte.

Os preços são naturalmente, muito variáveis: do canário (dez cents por dia), ao elefante (7 dólares), encontramos o leão e o tigre (4 dólares), o macaco (2,5 dólares), a tartaruga (30 cents), etc....

A saída dos «quartos» não é (felizmente) autorizada.



NEM A FÉ O SALVOU!...

Entre as numerosas seitas místicas existentes em New York, a dos adoradores... de serpentes venenosas conta numerosos adeptos.

A sua pretensão é demonstrar que a maldade e o perigo não existem na Natureza senão quando o homem se intromete nos assuntos!

Ora, o fundador da seita, G. W. Hensley, de 70 anos (que fundara o seu culto numa passagem — mal interpretada — da Bíblia) fez-se morder no pulso por um desses irmãos, por ele manipulado sem apreensões.

Persuadido da inocência do réptil, recusou deixar-se tratar — e morreu, antes da chegada de enfermeiros especializados, que ele não desejava receber.



Acrobacias nos telhados de Londres

Há nos indivíduos que exercitam manifestações circenses o instinto nato da temeridade. Este instantâneo que o nosso fotógrafo realizou em Londres (num dia em que o sol fundiu a névoa que cobre a cidade) constituiu impregnável documento do arrojo e dos desprendimentos de dois patinadores acrobáticos.

Sobre um terraço estreito de um dos mais altos imóveis da grande metrópole do Reino Unido, Pindaro e Roxana, mostram à sociedade o destemido que envergam ao mesmo tempo que fazem arte.

O seu trabalho é um simples ensaio, mas um ensaio muito arriscado, pois nem sequer dispõe de uma rede protectora sob sua improvisada pista ou à roda do terreno onde ela foi erguida.

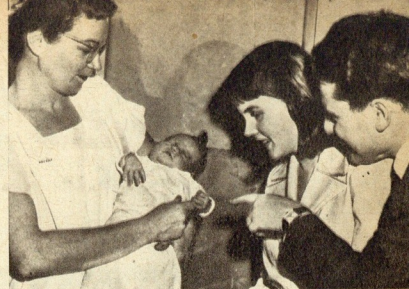
E orgulhosos, lançam um sorriso escarinhoso sobre a vida e o perigo — e ufanam-se aliás muito legitimamente do prodígio que cometem.

UM PRÊMIO PARA LILIPUTI

Ela é uma «estrela» de revista; ele um carpinteiro anónimo dos palcos. Não os vincula sequer o elo do sentimento que faz comungar duas almas e unir dois corações. As distâncias sociais (ela exerce uma actividade de relevo, e a ele todos o ignoram) jamais poderia juntar os seus destinos. Além disso ela é um prémio de beleza e ele um fenómeno da Mãe-Natura, um representante do mundo em miniatura de Liliputi. Mas ele fazia anos e a vedeta quis tributar-lhe toda a sua simpatia, dando-lhe a escolher a prenda do dia da sua festa.

— Um prémio de ternura — pediu o anónimo!

A «estrela» correspondeu. E o fotógrafo fixou o instantâneo.



A filha de BABY «DOLL»

Carrol Baker, a muito jovem protagonista de «Baby Doll» (*A boneca de carne*), a última obra de Elia Kazan, deu à luz, enquanto o seu nome e o filme por ela interpretado eram o centro de acesas polémicas, uma menina.

Aqui vemos a artista com o marido, o realizador Jack Garfein, e a recém-nascida, quando tinha somente vinte dias de vida.

«Baby Doll», adaptada de uma comédia de Tennessee Williams, encontrou muitas oposições em vários sectores da vida americana.

De qualquer modo, Carrol Baker ganhou fama e popularidade que lhe abriu novas possibilidades para o êxito.





MAJESTADE



TERNURA



FIRMEZA



REFLEXÃO

Majestade e beleza

O ofício de Rainha exige apenas três coisas: beleza, bondade e fecundidade. Isabel II possui em exuberância essas três virtudes que podem condensar-se só numa: formosura de espírito.

A inclita visitante de Portugal deixa transparecer vivamente, nestas expressões tão sublimes, dotes que nimbam o seu coração de oiro.



JOVIALIDADE



OBSERVAÇÃO



CONFIANÇA



SENSIBILIDADE

Felicidade e confiança

UM príncipe não precisa em rigor, senão dos olhos e dos ouvidos; a boca serve-lhe apenas para sorrir. E Sua Alteza o Duque de Edimburgo que Portugal orgulhosamente hospeda, sabe sorrir ao seu povo que o ama, que o venera como progenitor do seu futuro rei, a bem nascida esperança que consuma no príncipe Carlos.

CASAREI COM DELIA SCALA no próximo Outono!

— Afirma o corredor «número um», da Ferrari, EUGÊNIO CASTELLOTTI



Delia Scala, uma das mais belas artistas italianas, que conquistou no teatro posição de relevo.



Alberto Ascari e Eugênio Castellotti eram ótimos amigos. Este último parece ter herdado do primeiro as grandes qualidades de corredor. O sangue-frio, a impetuosidade e também a «cabeça» do actual número um da Ferrari lembram o estilo do grande Alberto Ascari.



O excepcional corredor de automóvel Castellotti e Delia Scala, num local nocturno de Milão. Delia Scala só há poucos meses conseguiu a anulação eclesiástica do primeiro matrimónio, contraído em 1945, quando não contava mais de dezasseis anos, com um patriota grego, oficial do exército inglês.



O Don Juan sul-americano Porfirio Rubirosa, em companhia do italiano Castellotti, em Sebring, durante as provas para as «12 Horas», a contar para o campeonato sul-americano de automóveis de «sport». Entre o corredor e Rubirosa, automobilista apaixonado, estabeleceu-se uma duradoura amizade.

A VIDA ROMÂNTICA de VAN GOGH

A narrativa começa com a aparição do génio da pintura inglesa em Montmartre para recuar aos seus tempos de criança. Por forma que cativa a sensibilidade do leitor conta-nos a profecia sibilina da avó paterna a qual viu no pequeno Vicente uma criança assinalada pelo Demónio.

O pai não o manda estudar, mas quando, ele faz dezassete anos um tio consegue colocá-lo na sucursal em Bruxelas da Galeria de arte parisiense Goupil onde toma os primeiros contactos com a pintura.

A falta de assiduidade ao emprego, obriga os directores da Goupil a transferir-mo para Londres. Enamora-se da jovem filha da sua hospedeira e tributa-lhe uma paixão veemente. Mas depois de alguns episódios tristes ela repudia-o. Numa última tentativa para evitar o seu despedimento, a Goupil transfere-o para a Central de Paris, mas pouco tempo depois prescinde dos seus serviços. Van Gogh regressa então à terra Natal disposto a abraçar a carreira de evangelista. Estuda como um forçado, vive como um beguino mas tarda a reconhecer a sua carência de vocação. A seguir mergulha na miséria.

O AMOR DE MARGOT

Os parentes de Vicente fazem um último esforço para endireitar a vida de rapaz das «duas almas». Depois de uma espécie de conselho de família, o primo Mauve, que exercita a pintura em Aja, acolhe Vicente em sua casa para que ele possa estudar tranquilamente a arte que constitui a sua nova loucura. Mas Vicente não tarda a desentender-se com o seu protector, que considera vulgar borrador de telas. Abandona a casa hospitaleira e vai viver com uma mulher de costumes fáceis, chamada Cristina, que é mãe de quatro filhos e está prestes a dar à luz mais um. Gogh trata-a por «Siem».

As relações entre Vicente e Siem duram vinte meses. Uma intervenção de Theo convence-o, por fim, de que deve separar-se daquela mulher. Vicente mergulha outra vez na vida de vagabundo. A solidão física e moral estimulam-lhe a demência que ganha cada vez mais terreno. Incidentalmente, realiza o primeiro trabalho útil da sua vida: são doze desenhos originais. Vicente está convencido de que aos olhos do mundo é uma «nulidade excêntrica e desagradável». E nesse período obscuro pinta o seu primeiro quadro a óleo. O irmão Theo anima-o afectuosamente, embora não creia que ele seja verda-

deiro pintor. Mas com aquela obra, a sua vida parece encarrilar. Os tons que emprega são cinzentos escuros, privados de alegria. São as cores dos mineiros, pó de carvão que parece interpor-se entre as coisas e ele. Cores tristes, escuras, de uma tristeza que permanece oculta no coração e não encontra palavras que a exprimam.

Neste ciclo da vida atormentada abre-se um paréntesis de calma. Vicente Regressa de novo a casa, àquela presbitério de Neunen onde Theodorus fora colocado. Ali se instala o jovem rubro, que divide o tempo entre as telas que pinta e os livros que devora. Ali também o amor surge no seu caminho.

Margot mora perto de casa. Não é bonita, mas a sua alma é profundamente doce. Enamora-se de Vicente e sonha casar-se com ele. O pintor sente por ela grande ternura e está disposto a conduzi-la ao altar, se a família da rapariga não se opuser a isso. De súbito, essas relações um tanto melancólicas transformam-se num drama. Margot tenta suicidar-se. Vicente vai vê-la ao hospital e dedica-lhe palavras carinhosas, depois desaparece. A inquietude apodera-se outra vez dele. A morte inesperada do pai, que sobrevém a seguir, relega-o para a solidão. Resta-lhe apenas Theo. E a ele ocorre depois de um novo período de vagabundagem naquele fim de Fevereiro de 1886 em que o vírus surgiu em Montmartre. Nesses mesmos dias chegou ao célebre subúrbio do que Paris um indivíduo ainda mais singular do que Van Gogh. Forte, disforme, com o rosto oculto por uma barbilha negra, fez-se imediatamente notar pela sua extraordinária resistência ao álcool. Era um «monstro» que se instalou no cabarete de Montmartre como se realmente se encontrasse na sua própria casa. Quando estava sentado, o seu aspecto era normal; mas ao pôr-se de pé, impressionava. Em consequência de várias quedas de cavalo, as pernas foram-lhe anquilosadas e são apenas dois cotos aquilantes

A nova aquisição de Montmartre procedia da Provença e tinha sangue nobre nas veias. Chamava-se Henri Toulouse-Lautrec. O que ele perseguia era exactamente o contrário do que Van Gogh buscava. Mas quando os dois se encontraram, bastou-lhes um simples olhar para se compreenderem. O mesmo aconteceu com outro «desterrado», um indivíduo que, abandonara a mulher e um filho e se dedicou à pintura; Paul Gauguin.

A simpatia de Vicente não tardou a concentrar-se em Gauguin, mas foi Toulouse Lautrec quem constituiu para ele uma coisa nova: a doçura de viver. Parecia incrível como aquele homem disforme e desprezado, em vez de albergar invejas e despeitos e se refugiado num mundo de ódios e rancores, sentia a beleza da vida em toda a sua extensão. Dos seus pinceis, naquele 1887 em que começou a pintar Montmartre, nasceu com per encanto aquilo que se chamou o estilo da «Belle Époque».

Duzentas obras foram o resultado portentoso da estada de Vicente em Paris. Mas não conseguiu vender uma única. Vivia a expensas de Theo, e isto produzia-lhe um grande mal-estar. Sofreu, então, nova crise. Passava noites à beira do leito do irmão, falando-lhe de si, de pintura e da mensagem que quer imprimir às suas obras. Isto causa o desespero de Theo, que não consegue pegar o lobo.

Chega o inverno e, um dia, Vicente resolve seguir os conselhos de Toulouse-Lautrec: «O futuro da pintura está no Sul!» dissera-lhe o homem que se evadira da doce Provença para encontrar a alegria de viver em Montmartre.

A «ENFERMIDADE» DOS GIRASSÓIS

O clima suave do meio dia de França faz desabrochar o génio de Vicente Van Gogh. Em menos de dois anos, pinta metade das obras que nos legou. É uma «febre» que não tem igual na história da arte. E, naturalmente, nesse período, a cor dominante é o amarelo; aquele amarelo, que para Van Gogh tem valor de símbolo, era a sua mensagem de amor aos homens.

O fenómeno das alucinações ia-se tomando cada vez mais frequente e intenso. Vicente pinta quase um quadro por dia. Entretanto apodrou-se dele a «enfermidade dos girassóis» e dos vastos campos de trigo, maduro sobre o qual se estende um céu de azul deslumbrante. A visão do Mediterrâneo, que colheira, durante uma semana, em Saintes-Marie de la Mer, encanta-o, sugestioná-o e convence-o de que encontrara o caminho exacto.

(Continua no próximo número)



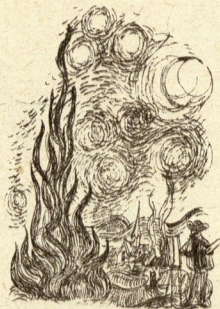
O LONGO SONO DE JEAN-LOUIS

Há oito meses, a mãe chama desesperadamente pelo filho, esperando em vão um sinal de vida.

Respondendo a um apelo lançado na Imprensa, o maior especialista inglês da cirurgia do cérebro, o professor Rawbotham, decida ir a França, à cidade de Toulouse, para tentar reanimar um rapaziño de sete anos de idade, Jean Louis Fernandez, vítima de um incidente.

Rawbotham é o cirurgião que operou com felicidade a «bela adormecida de Newcastle», Ellen Moore, caída em estado de coma, em seguida a um acidente análogo, durante 169 dias. A intervenção realizada por Rawbotham permitiu-lhe sobreviver a gravíssima fractura cervical e, cerca de três semanas depois, dar à luz um filho.

A mãe de Jean Louis, Natália Fernandez, espera que um milagre semelhante possa realizar-se, salvando-lhe o filho.



HÁ MALES QUE VÊM POR BEM

POR amor de Jeanne Crain, três homens envolveram-se em complicada contenda, da qual um deles levou a melhor. E aconteceu, para bem da moralidade, que o vencedor foi Paul Brinkman, o marido da beladade em causa.

Numa das imagens, vemos Jeanne Crain e Paul Brinkman. Havia já algum tempo que Jeanne e Paul não andavam de acordo; depois de dez anos de matrimónio, tinham decidido divorciar-se, no verão passado. Uma das testemunhas foi Rhoads, e falou-se dele também, como sendo o homem pelo qual Jeanne queria deixar o marido. A partir de então, Paul não passou a vê-lo com bons olhos.



A outra imagem mostra-nos (com um cãozinho no colo...) o industrial aeronáutico Homer Rhoads, de 45 anos, causa principal da violenta troca de impressões desencadeada por Paul Brinkman. Depois da conversa, Rhoads anunciou estar iminente o seu casamento com Jeanne Crain, mas esta desmentiu-o, e foi vista depois ao lado de Brinkman, na véspera de Ano Novo.

O outro personagem chama-se Ryan, e parece que também levou que contar.

A artista tem 31 anos e Paul 37. Tudo indica que se reconciliaram.



O perfil de ISABEL II

DIFÍCIL é a arte de governar e grandes as responsabilidades inerentes ao poder. E mais ainda pesam os cuidados nos conturbados tempos que correm, plenos de surpresas poucas vezes optimistas.

Isabel II de Inglaterra, Rainha de um povo grande na História, acrescenta às qualidades de governante dotes de Mulher e Mãe, que a fazem digna da admiração e respeito que todos os povos lhe tributam.

Senhora de presença calma e simpática, Isabel II sabe impor-se sem constranger, de um modo em que se não confundem as preocupações do seu cargo com a sua natureza feminina.

EFEMÉRIDES

1926 — 21 de Abril — Nasce, no n.º 17 de Bruton Street, London, W vinte minutos antes das três horas da manhã.

1926 — 29 de Maio — É baptizada na capela privada de Buckingham Palace, recebendo o nome de Elizabeth Alexandra Mary Windsor.

1945 — Tempo de guerra. Trabalha, como subalterna, no A.T.S. (Auxiliary Territorial Service).

1947 — 10 de Julho — Anuncia-se oficialmente o seu noivado com Filipe, duque de Edimburgo, descendente da família real da Grécia, nascido em 1921.

1947 — 20 de Novembro — Celebra responsabilis com Filipe, duque de Edimburgo, na Abadia de Westminster.

1948 — 14 de Novembro — Nasce o Príncipe Carlos, às 21 horas e 14 minutos.

1950 — 15 de Agosto — Nasce a Princesa Ana.

1951 — Visita o Canadá e os Estados Unidos.

1952 — 31 de Janeiro — Parte para o Kênia (1.ª etapa da projectada viagem à Austrália e Nova Zelândia).

1952 — 6 de Fevereiro — Morre Jorge VI, Rei de Inglaterra; a Princesa Isabel sucede-lhe no trono. Regressa a Inglaterra.

1953 — 2 de Junho — Coroação de Isabel II de Inglaterra, na Abadia de Westminster.

1930 — No dia 21 de Agosto nasce em Glamis Castle (Escócia), a Princesa Margaret Rose.



Profundamente consciente das perturbações mundiais, nunca o povo inglês viu na sua Rainha um gesto de desânimo ou de hesitação; sempre os acontecimentos a encontraram preparada, sempre soube vincar a firmeza necessária.

Como Mulher e Mãe, habituaram-se os seus súbditos a ver nela exemplo de dignidade, amor e compreensão.

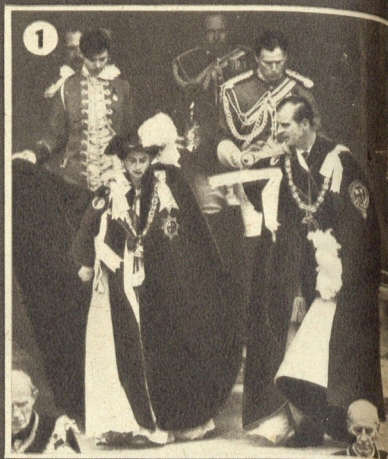
A Rainha soube escolher como mulher o homem que amava, não ofuscando os interesses políticos da Nação. Como mulher, soube cumprir com as suas obrigações de mãe, amando ternamente seus filhos.

Isabel II tem a acuidade de espírito dos bons governantes, o que permite a perfeita interpenetração das suas qualidades e deveres; não esquece que, como Rainha e Mãe, deve saber preparar o pequeno Príncipe Carlos para ocupar o trono, como futuro Rei de Inglaterra. Assim, os cuidados que lhe merece a educação do Príncipe são como que o reflexo do seu espírito, numa projecção que visa o futuro. Os soberanos interesses da continuidade de uma dinastia implicam factores rigorosos na sua aplicação; neste caso, o Príncipe Carlos será como que um cadinho em que se sublimarão as qualidades humanas e governativas de uma Rainha.

Numa rara e feliz síntese, Isabel II de Inglaterra é uma Rainha em que o espírito e o coração se aliam, sem perda de nenhuma das qualidades de Mulher e Mãe.

INSTANTÂNEOS DA VIDA DE UMA RAINHA

1 — A pompa e o cerimonial da multi-secular corte inglesa é tradição religiosamente seguida. A gravura mostra-nos Sua Majestade, a Rainha Isabel II e Sua Alteza o Duque de Edimburgo em traje de grande gala.



2 — Os soberanos ingleses, acompanhados da princesa Ana sorriem cativamente à multidão que lhes acena. O instantâneo foi colhido quando se dirigiram ao aeroporto para encetarem a sua viagem real às terras longínquas do vasto império britânico.



3 — Enternecedora imagem obtida na galeria do Palácio de Buckingham uma das residências oficiais da corte. Despreocupados e felizes, o príncipe Carlos, de oito anos, herdeiro do trono, e a princesa Ana, de seis, folheiam livros em que se lhe ensinam a opulenta história do seu país.



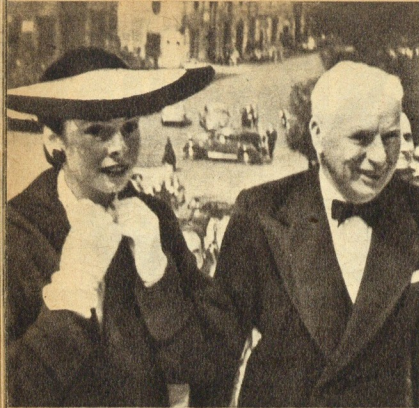
4 — O príncipe Carlos que apesar da sua tenra idade se mostra já grandê e apaixonado



5 — O sorriso imperial de Isabel II cintila na tribuna real do Leicester Sq. Theatre onde fora assistir a apresentação de gala do filme Ricardo III.

praticante do aristocrático desporto da caça, recolhe o espólio de uma jornada. À direita, a sua excelsa mãe, a Rainha, assume desta vez uma expressão grave.





ESPERA-SE O CHARLOT VII!...

Charles Chaplin, embora, já tenha cumprido os sessenta e sete serás, dentro de pouco tempo, pai pela sétima vez. A esposa, Oona O'Neil, filha do célebre dramaturgo americano, espera tranquilamente a nova maternidade, na residência suíça, enquanto, em Paris, o popular actor-realizador termina a laboriosa montagem do seu último filme: «O rei em Nova Iorque».

Esta fotografia é uma das mais recentes de Oona e Chaplin. Oona, que é americana de nascimento, renunciou à nacionalidade e adoptou a inglesa, quando, há poucos anos, o marido deixou para sempre Hollywood, onde, por causa de questões políticas, vivia numa atmosfera de suspeita.



HIGIENE — NECESSIDADE PRIMÁRIA

A higiene é uma das nossas necessidades primárias. Os seres activos e pensantes (e também os irracionais) precisam dela como do pão de cada dia que se transforma em sangue e do vestuário que os defende dos rigores do clima. Havia contudo plagas onde o primitivismo ignorava em absoluto o que era desinfecção e limpeza. Graças à UNICEF que proporcionou a um milhão de crianças métodos de higienização e sanidade, os agentes microbianos que encurtaram a vida dos pequeninos estão a ser eficientemente combatidos. A imagem, que tem por cenário uma aldeia do mundo árabe, mostra-nos um homem a pulverizar de DDT a «molirinha» de um catraio, que servia de pasto a repelentes bicharocos.

MÃOS, OBRAS PRIMAS DO CRIADOR!

Parece que foi Júlio Dantas quem disse que a mão é uma obra-prima do Criador, aperfeiçoada sem cessar no decurso de gerações sucessivas.

Realmente, nada como esse bem divino alcança tanto poder de expressão no ministério dos sentimentos. As mãos imprecam, as mãos afagam, as mãos selam amizades que se prolongam para além da vida. E como são obra de Deus é com elas que suplicamos e agenciamos o pão de cada dia que o Senhor determinou fosse ganho com o suor do nosso rosto e amassado com mãos honradas, merecedoras.

Mais significativas que as palavras são, porém as imagens que publicamos, reproduções fiéis de fotografias apresentadas no salão permanente de arte, em Paris.

Estas mãos dizem tudo: são pedaços de humanidade que suplicam, e demandam os céus.

- 1 — «Mãos de Esperança», de Andre de Dienes.
- 2 — «Apelo à vida», de Fee Schapper.
- 3 — «Meu filho», de Bern Keating.
- 4 — «Mão de Dor», de J. Bertrand.
- 5 — «Mãos de trabalho», de Bern Keating.
- 6 — «Mãos de artista», de Louis Frederic.



1



4



5



2



6



3

Acredite ou não

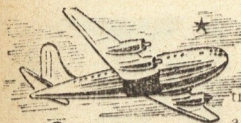
No Transvaal cai granizo uns 160 dias em cada ano.



Cerca de 18 % da superfície total da terra nunca foi pisada por pés humanos.

★

Em comparação com o seu tamanho, os electrões giram a grande distância em redor do núcleo para formar o átomo, de modo que a matéria é quase toda espaço vazio. Se eliminássemos esse espaço, a raça humana caberia inteira num dedal, embora o seu peso fosse o mesmo.



Os cinzeiros estratosféricos geram a energia eléctrica suficiente para a iluminação e calefetação de 50 casas de 8 compartimentos.

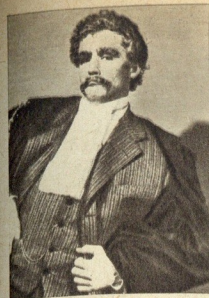


Sempre em grande forma!

Na sua residência de Marnes-la-Coquette, Maurice Chevalier, sempre jovem, aprende a dançar com Lucky, o mais parisiense dos modelos, um novo ritmo lançado no «Tagada» de Montparnasse, e que parece capaz de destronar, em França, o celeberrimo «rock and roll».

Não sabemos que mais admirar: se a propensão do «enfant gaté» para a dança, se o seu nunca desmentido interesse pelo belo sexo.

Passamos palavra aos nossos leitores!...



NOVE PERSONAGENS e um só actor

Vittorio Gassman interpreta sozinho nove personagens da comédia «I tromboni», de Frederico Zardi. Trata-se de uma sátira, em que Anna Maria Ferrero vive um papel de uma rapariga riquíssima e insatisfeita.

Algumas das interpretações de Gassman

ilustram esta página: faz a paródia dele próprio, na parte do actor famoso: um célebre cineasta neo-realista; um cirurgião psicopatológico; um jornalista; um advogado. Além destas, resta apontar: um conselheiro delegado de uma sociedade; um deputado socialista; um intelectual das esquerdas e um jovem desportista de Milão.

Como é lógico, toda esta gama de personagens proporciona a Vittorio Gassman a possibilidade de patentear os seus dotes artísticos, o que consegue com rara felicidade.



AUMENTOS? SIM...MAS DE VAGAR!

Inglterra—Perante o Tribunal de Leeds, condado de Inglaterra, compareceu o mecânico Tom Allan, o qual, por meio de um contrato em forma, vendera a um amigo, por 500 libras esterlinas, a sua própria esposa. O acusado defendeu-se com uma habilidade verdadeiramente admirável.

—Quero falar com a maior clareza—disse Allan.—Desde há muito tempo, eu não podia suportar minha mulher. Não éramos felizes e, contudo, minha esposa negava-se a aceitar o divórcio. Felizmente, tenho um amigo, chamado Philipps, que amava minha mulher, que lhe correspondia. Um dia, o meu amigo Philipps propôs dar-me 500 libras esterlinas se lhe cedesse, em regra, minha mulher. Aceitei com muito gosto, tanto mais que me achava em deficiente situação económica. O advogado de Allan pronunciou um discurso caloroso. Apoiou-se em costumes antigos, citou precedentes em que as mulheres se vendiam pelo módico preço de 20 e 25 shillings.

—O meu cliente—exclamou o defensor, com convicção,—adaptando-se à situação dos nossos tempos, em que tudo encareceu, vendeu a mulher por 500 libras esterlinas, revelando com tal transacção apurado instinto comercial. A acusação confestou que aqueles antigos costumes tinham caído em desuso e que foram terminantemente proibidos por uma lei em 1805.

O Tribunal condenou Tom Allan a 19 meses de cadeia.

—Condenaram-no—comentou mais tarde alguém, no clube,—não pelo

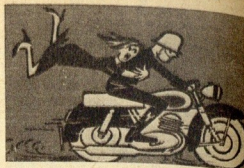
facto em si, mas porque não podemos ver com indiferença um encarecimento tão exagerado de mercadorias...

OS MELHORES VESTIDOS

Estados Unidos—O presidente Eisenhower, o milionário Harry Gould, os actores Rex Harrison e William Holden, figuram na lista dos «dezes homens americanos mais elegantes»; o rol foi confeccionado por James Scali, Presidente da Associação de Alfaiates dos Estados Unidos. Com muita tristeza, e também com certa irritação, James Scali fez no final da lista esta observação: «Devia haver uma lei, ou pelo menos um referendun público, para obrigar o cantor Elvis Presley, o actor Marlon Brando e o campeão de baseball Ted Williams a vestirem-se com mais dignidade. É terrivelmente nocivo o exemplo de mau gosto que estes três homens tão populares dão à juventude do nosso país. Deviam viajar um pouco mais, ir até ao estrangeiro e aprender um pouco de elegância. Ou, melhor ainda, deviam casar-se».

FRIGORIFICOS A PEDAL

Alemanha—Não se sabe bem porquê, mas a verdade é que as indústrias da Alemanha oriental não conseguiram ainda produzir bons frigoríficos. A semana passada, segundo notícia publicada pelo «Berliner Zeitung», um frigorífico de novíssima construção devia entrar em actividade num grande empório alimentício da zona soviética de Berlim. Mas, no momento da prova, o aparelho não funcionou; efectuou um rápido controle, descobriu-se que o motor era totalmente inadequado para cumprir a sua tarefa. O «Berliner Zei-



tung», comentando o facto, convidou as autoridades comunistas a aplicarem um castigo salutar ao fracassado construtor; isto é, obrigá-lo a fazer funcionar o frigorífico mediante um sistema de pedais, que deverá accionar com as suas próprias pernas.

DEPRESSA E BEM...

Japão—No Japão, certo velho costume obriga os médicos a colocar uma lanterna encarnada no portal de suas casas, cada vez que morre um dos seus clientes. Um estrangeiro, chegado a Tóquio, viu-se na necessidade de procurar um médico para que assistisse a sua esposa, atacada de uma indisposição alarmante.

Começou à procura, mas no portal dos médicos que ia descobrindo havia tal quantidade de lanternas que o forasteiro, conecedor do que aquilo significava, afastava-se com horror. Por fim, encontrou uma casita habitada por um discípulo de Hipócrates, na qual só existiam cinco lanternas. Pediu a esse médico que fosse visitar sua mulher, ao que o doutor naturalmente accedeu. Durante o percurso, felicitou o médico pelo reduzido número de lanternas que havia à entrada de sua casa.

—Não tem nada de particular—respondeu o médico, tranquilamente;—só desde ontem estão instaladas nesta cidade!



«Não sou amorosa fatal!»

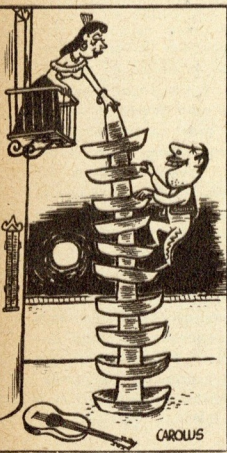
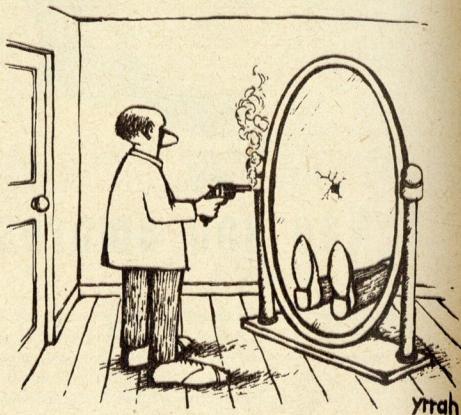
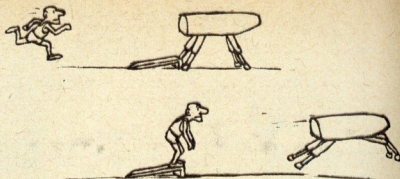
A propósito do seu personagem tradicional nos filmes, Dawn Adams notou com bom humor que nunca se parecera nada com uma amorosa fatal. Foi aliás, o que lhe valeu ser escolhida por Charles Chaplin para «Um rei em New York».

—Interpreto sempre papeis de carácter. Não tenho nunca cenas fatais para representar. Não sou uma heroína romântica e não me lembro de ter vivido um papel romântico. Com Charles Chaplin também não sou, de modo algum, uma amorosa romântica, mas simplesmente uma jovem que sente uma atracção por um homem muito mais velho do que ela. Passava-se o mesmo no meu filme com Vittorio De Sica. Com efeito, é uma situação muito estranha para uma actriz. Sou uma comediante ligeira; gosto de papéis em que há pimenta... Meu marido nunca vai ver

um dos meus filmes, por eu ser mulher dele; mas vai todas as noites ao cinema: para ver **Westerns**. É por causa dele que eu queria trabalhar num **Western**; sempre queria ver se ele seria capaz de deixar de ir ver esse filme... Além disso, divertiria o meu filho, apesar de ainda ser muito pequeno, reconhecer-me-lhe vestida **cow-girl**, porque é desse modo que eu ando quase sempre na nossa quinta. Além disso, eu e meu marido representamos continuamente **Westerns** ao natural...

Dawn Adams gosta de levar para casa os chapéus mais imprevistos, o que tem o dom de divertir imenso o príncipe seu marido, que se presta à brincadeira com a sua mímica mais expressiva. Ela, o marido (o príncipe Vittorio Massimo) e o filhinho (o bebé Stefano), formam uma família feliz.

Sorrisos
a lápis



PARA TRIUNFAR EM NEGÓCIOS

Por Willian Feather

Para resolver o problema do pão de cada dia há que pôr de parte esse problema.

Parece um paradoxo, mas baseia-se na verdade e na razão: o homem que tem de trabalhar hoje para comer amanhã, não pode permitir-se o luxo de perder tempo a estudar melhores oportunidades; sente-se encadeado ao seu trabalho, por fácil ou inferior que ele seja.

Mas se for capaz de reunir o dinheiro suficiente para se defender a si e à família contra o problema do pão cotidiano, nem que seja só por um mês, adquire uma pequena independência.

Então pode tentar a sua sorte e estudar oportunidades. Pode escolher o trabalho que vai desempenhar, pois não se vê forçado a aceitar o primeiro que lhe aparece.

★

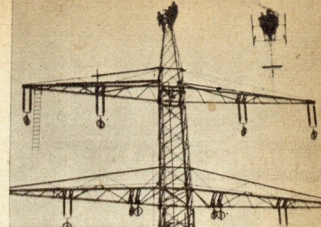
Todos nós conhecemos homens que porfiam por se salientar, por triunfar; mas sabemos que não podem consegui-lo, por não querer tributar o preço correspondente, a pena diária, o castigo cotidiano.

É tão certo como a luz do dia que pagarão os castigos do seu inêxito; não podem evitá-los, embora julguem que sim.

Pagá-os-ão e bem caro!

O preço do êxito, pagamo-lo todos nós nos primeiros anos. A pena do fracasso abona-se mais tarde, quando se recolhem os frutos do trabalho.

Se a juventude pudesse compreender esta lei fundamental da vida!



CRIADA PARA TODO O SERVIÇO

O helicóptero transforma-se, cada vez mais, na criada para todo o serviço para o génio humano.

Sua última atribuição: a colocação de instalações eléctricas aéreas.

Esta imagem mostra um helicóptero transportando a extremidade da corda de nylon que servirá para estender o cabo por cima do Reno, em Remagen, quando se instalava um cabo de alta tensão dos caminhos de ferro alemães.

Este sistema, que permite ganhar muito tempo, tem sido também utilizado ultimamente na Suíça.

OS ANIMAIS JÁ TÊM ADVOGADO

Na Alemanha os animais já têm quem os defenda em querelas jurídicas. O seu primeiro advogado vestiu já a toga para exercer da função no tribunal de Dursburg (zona do Ruhr, Alemanha Ocidental).

O processo julgava a crueldade de que fora vítima um pobre cachorro.



MÚSICA PARA a princesinha CAROLINA

A música de «Manon», de Massenet, saudou o nascimento da herdeira dos Grimaldi, «meliosamente» celebrado no Teatro de Ópera de Monte Carlo.

«Manon» teve como intérprete masculino o tenor Carlo Bergonzi, de Parma, aqui fotografado pouco antes da partida para o Principado, junto de sua esposa Adele, mãe do pequenino Marco e do primogênito Maurício.

O afortunado cantor festejou assim, cantando, não só a filha dos príncipes Grace e Rainier como também o seu filhinho.



Um freguês inesperado...

Um pacato mercceiro de Calais julgou chegada a sua última hora quando, com um tremendo barulho, viu aparecer-lhe diante do balcão... um cavalo!

O atrevido animal, que provávelmente muito gostava de açúcar, tinha perdido a paciência, de tanto esperar o dono, que o deixara, para falar com o proprietário de um talho... de carne de cavalo!...

Foram algumas as horas necessárias para safar o cavalo daquela posição, que provocou o gáudio da criançada e o humorismo das gentes que passavam.

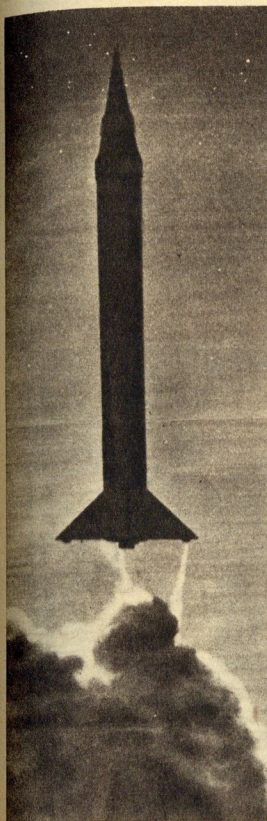
QUE IDADE TERÁ ELE, QUANDO O HOMEM FOR À LUA?

Quando nasceu o pai deste menino, que não se admira com os modelos-brinquedos de aparelhos super-sônicos, não havia muito tempo que Blériot tinha atravessado o Canal da Mancha!

Quantos anos terá o menino, quando os homens chegarem à lua? A primeira etapa, a do satélite artificial, está já próxima.

Estes aparelhos Vicking (U. S. A.), o 13.º modelo da série, subiu a 200 Kms.

E ainda estamos no princípio!





AMOR e uma cabana

Gorizia, na Itália, foi teatro do mais «pobre casamento» do ano. Dois jovens jugoslavos exilados, Emílio Laugo, de vinte anos, e Iolanda Brenez, de dezassete, uniram os seus destinos, apesar da sua trágica situação.

Eram tão pobres que não tiveram sequer dinheiro para as alianças. Estas foram-lhes emprestadas por dois funcionários do registo que lhes serviram de testemunhas. A boda, compôs-se de uvas, pão e queijo, virtualhas oferecidas aos recém-casados por uma amiga. A lua-de-mel foi passada num quarto numa mansarda pobremente mobilada, que lhes serviu ao mesmo tempo de quarto e cozinha, e que lhes foi cedida por comiserção. Mas o sentimento alevantado que os uniu, fá-los esquecer todas as privações e o casal pobrezinho vive na graça de Deus.

O PRÍNCIPE E O MANEQUIM

O príncipe Ali Khan e Bettina, modelo de casas de moda, empreenderam uma viagem a bordo de um avião francês, cuja meta é Venezuela.

Diz-se nos ambientes mundanos parisienses que talvez regressem como marido e mulher.

Ali Khan não pode contrair matrimónio em França porque não está ainda ditado o seu divórcio da artista Kita Hayworth.

Quando Aga Khan morrer, o príncipe será o chefe religioso de uma seita muçulmana com cerca de nove milhões de crentes.



NUNCA MAIS VOLTOU DA "ILHA FELIZ"...

Em 1937, o pintor holandês Ad Blok Van de Velden partiu para a ilha de Texel, ao norte da Holanda (baptizada de «Ilha Feliz» pelos turistas), para aí esboçar algumas telas. Ficou tão impressionado com a paisagem e pitoresco da ilha, com a luta incessante travada pela vegetação contra o vento, a água e a areia, que resolveu fixar-se em Texel. As flores e as plantas são suas amigas, e ele ama-as tanto que não pode deixá-las lutar sôzinhas. O pintor ama também as paisagens incultas e a sua imensidão. Todas as manhãs, o aspecto das dunas e das praias é diferente, sob o efeito do vento e das ondas. Van de Velden gosta tanto do contacto com a Natureza que pinta sempre ao ar livre. Tem a impressão de fazer parte da Natureza que o rodeia. Durante os seus anos de estadia em Texel, Van de Velden pintou centenas de telas. Algumas estão expostas no edifício da Câmara e no aeroporto de Texel, outras estão em casa dos indígenas. Mas, todos os anos, uns oitenta mil turistas, de todas as partes da Europa, visitam a ilha, e muitos deles levam, como recordação da estadia, um quadro pintado por Van de Velden.



Amália Rodrigues a genial intérprete da alma lusitana consumada em escalas de música, está a alcançar clamoroso êxito em Paris. Todas as noites, a voz da grande artista portuguesa, «aquela voz harmoniosa que evoca um povo, um país e uma tradição», espalha ternas emoções no ambiente do famoso Olympia. Só a presença de Amália — escreve um jornalista francês — faz passar pelo music-hall «un souffle sauvage et pur».



Linda Christian orienta os primeiros passos das filhas



A artista americana inscreveu numa escola de ballet de New York as filhinhas Romina (de cinco anos) e Taryn (de dois anos e meio). Do seu matrimónio com Tyrone Power. As duas meninas aprenderam os primeiros passos com a mãe, que foi bailarina de talento, quando jovem.

1 — As duas filhas de Linda Christian frequentam uma escola famosa de New York, onde se formaram grandes bailarinas: a de Nico Charisse. As meninas quiseram que a mãe participasse nas primeiras lições, e Linda, para as contentar, acompanhou-as. Linda Christian foi a segunda mulher de Tyrone Power; a primeira foi Annabella, com quem casara em 1931.

O casamento de Tyrone Power com Linda Christian (que, na fotografia, corrige a posição da pequenina Taryn) foi celebrado em Roma, em 1949. Esta união, que parecia perfeita, não resistiu ao tempo.

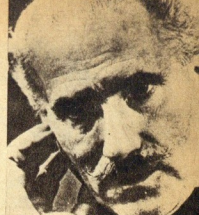
2 — Um caso judiciário perturbou recentemente a existência de Linda Christian. Depois de ter recebido, como presente, preciosas jóias de um admirador milionário, este pediu depois a sua restituição. A artista recusou e o tribunal deu-lhe razão. Aqui vemos Linda com a filha mais velha Romina, assim chamada em honra da cidade de Roma, onde foi consagrado o seu amor (agora desfeito) com Tyrone Power.

3 — O verdadeiro nome de Linda Christian é Blanca Rosa Welter. A artista nasceu em Tampico, México, e interpretou o primeiro filme em 1947. Era uma produção da série Tarzan. Actualmente, Linda encontra-se em Itália com Edmund Purdom, que alcançou fulminante notoriedade por ser o principal intérprete do sucesso de bilheteira: «O Egípcio».



Morreu ARTURO TOSCANINI

O génio solitário da música



Quase com 90 anos, morreu na sua residência de Riverdale, perto de New York, o maestro Arturo Toscanini. Vitimou-o uma apoplexia.

*

Toscanini, nasceu em Parma, no dia 25 de Março de 1867, na rua San Giacomo, n.º 13. Seu pai era alfaiate, e sua mãe tinha o mesmo ofício.

Entrou para o Conservatório em 1867, e terminou o curso, com distinção, no dia 25 de Julho de 1885. Começou impetivamente a sua carreira de director de orquestra no Rio de Janeiro, em 1886, com menos de 20 anos de idade; dirigiu durante seis «soirées» consecutivas a «Aida». Mas dois anos antes, com 17 anos de idade, quando estudante do Conservatório, dirigira os alunos desse estabelecimento de ensino. Ainda no Scala foi pela primeira vez representado o «Otello», em 5 de Fevereiro de 1887. Toscanini, que voltara para Itália aureolado pelo «baptismo» brasileiro, quis modestamente voltar para o seu lugar na orquestra, como segundo violoncelo. A sua estreia em Itália verificou-se em Turim, com «Edmea», de Catalani. No Scala, dirigiu alguns concertos em 1896; depois, o Scala e Toscanini identificaram-se durante trinta anos.

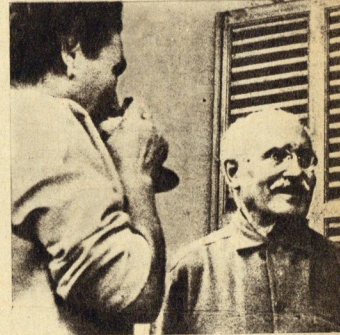
Voltando à Pátria, depois do exílio voluntário, na Primavera de 1946, Toscanini contribuiu com a sua glória para o renascimento musical em Itália. Nas lápides marmóreas que, no Scala, têm gravados os nomes dos beneméritos que concorreram para a constituição do fundo «pro Scala» (que viria a ser a base, depois da primeira grande guerra, da reforma do teatro), figura um «N. N.», com a quantia de cem mil liras. Aquele anónimo era Arturo Toscanini. Foi também ele quem, contando esse grande teatro lírico 150 anos de existência, o ergueu a grandeza insuperável.

Discutido pelo seu temperamento mas não pelo seu génio, Toscanini figurará entre os Maiores da música.

Ugo Ojetti escreveu-lhe um dia: «Encontras-te entre os fortes, que, para conservar alevada a consciência e vibrante a inteligência, têm mais necessidade de solidão do que de companhia».



Toscanini, entre a filha Wally e a sobrinha Emanuela, por ocasião de uma das suas últimas visitas, por via aérea a Milão.



O Maestro, em 1954, durante as férias passadas no Lago Maggiore.



ÚLTIMA M O D A EM PIJAMAS!

JUNE Robert (que já revelámos aos nossos leitores no número 10 da «Crónica») volta a dar que falar. Apresentou a última moda em pijamas, especialmente desenhados para este inverno pelos costureiros de Londres.

Indiferente ao frio, June Roberts entra na nossa intimidade, e oferece-nos a ideia desta peça de roupa, com a graciosidade felina que a caracteriza.

Ao contrário do que até agora tem sido preconizado, os ditadores da moda insistem no pormenor dos joelhos bem visíveis, obedecendo não sabemos a que recônditos pensamentos estéticos.

Não é fácil verificarmos a aceitação desta nova linha de pijamas, mas acreditamos que seja bem aceite.

Passamos a palavra, às nossas leitoras.

PREÇO
1\$50

*Neste
número*



Patinagem
acrobática
nos
telhados
de
LONDRES



Banhos romanos
no lido de PARIS



LILIPUTI
e a
vedeta

N. 11